

de CINEMA

REVISTA ILUSTRADA

Red. e Adm. (provisórias):
Rua do Salitre, 42, 1.º. Tel. N. 3275

Director e Proprietario: *Valentim da Cunha*
Editor: *Amilcar de Sousa*

Officinas: *IMPRESA LUCAS & C.ª*
Rua Diário de Noticias 59-61, Lisboa

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UMA MENSAGEM PATRIÓTICA

A Suas Ex.ªs os srs. Presidente da República e Ministros da Instrução, Interiôr e Finanças, enviaram há pouco o Grémio dos Artistas Dramáticos e Sociedade dos Escritôres e Compositôres Teatraes Portuguezes, a patriótica mensagem que, a seguir e em lugar de honra publicamos.

Absolutamente integrados na sua doutrina salutar, ousamos chamar para ela a atenção de todos os leitôres da de Cinêma ao mesmo tempo que felicitamos as entidades que a enviaram aos poderes públicos, fazendo votos para que vinque absolutamente o inicio da protecção que de há muito se solicita para a cinematografia nacional.

III.ªs Ex.ªs Srs.

No momento em que o Governo Portuguez, na ânsia de debelar a crise financeira que asoberba o país, empreende patrioticamente a supressão das importações inúteis, a compressão das despêsas, a restrição da exportação de cambiais, procurando reprimir a invasão industrial estrangeira, até mesmo no que se reporta a especialidades farmaceuticas; entendem o Grémio dos Artistas Dramáticos e a Sociedade de Escritôres e Compositôres Teatraes Portuguezes dever formular mais uma vez, perante as estações competentes, a sua instante reclamação contra a ruínoza influencia da indústria estrangeira do Cinêma na vida económica nacional. A importação de filmes, — quer comprados a trinta vezes o seu peso em ouro quer pagos no estrangeiro a percentagens avultadíssimas, sôbre as receitas de exploração nos salões portuguezes consitue uma das mais graves hemorragias que dessangram o erário nacional. Absolutamente nada nos deixa de útil o sacrificio de tantas dezenas de milhares de contos, lançados anualmente para a bôlsa estrangeira por êste pobre paiz, êste velho morgado, casquilho e esbanjadôr, que arruína a sua casa e hypoteca o seu solar, numa doída vertigem de dessipação.

Automoveis, sêdas, artigos de luxo são importações condenáveis, mas que, até certo ponto, representam utilidades. Os filmes estrangeiros, porém, não acrescentam a mínima parcela ao valôr intrínseco da riqueza pública, porque não vestem nem agasalham nem alimentam nem transportam e atravessam o organismo nacional sem fixarem o mais ténue resíduo á sua existência de valôres activos.

Em tempo oportuno, as nossas classes reúnidas solicitaram do Ministro da Instrução, Sr. Dr. Alfredo de Magalhães, uma medida de salvação pública, que impedisse a conversão arbitrária de teatros a animatógrafos. O Decreto salvadôr foi mandado lavrar por aquele funcionário, que teve, porém, a infelicidade de hesitar, no mo-

mento em que ia assina-lo. Quanto essa hesitação está custando ao país vamos nós demonstrá-lo com a clareza insofismável dos algarismos.

Dois grandes teatros de Lisbôa, ricos em tradições de Arte, fôram recentemente passados a cinêmas. Cada um dêles precisa de importar mensalmente, para a renovação dos seus programas, vinte mil metros de fita que, á razão de 1,50 pts. cada metro, representam trinta mil pesêtas por mês e por cinêma.

Só êsses dois teatros transformados em animatógrafos, canalizam da riqueza pública nacional para a bôlsa estrangeira nada menos de 720.000 pesêtas, num só ano, setecentas e vinte mil pesêtas, ou seja, ao cambio actual, dois mil e quinhentos contos.

Em dolorosa contrapartida, a arte de teatro morre em Portugal, afogada por êsse parasita usurpador que invade todo o país e. não contente com os seus salões e animatógrafos, que se multiplicam como tortulhos, se vai agora apoderando dos próprios edifícios teatraes.

A província, que estava sendo o refúgio das companhias dramáticas desalojadas pela indústria estrangeira do Cinêma, encontra-se actualmente fechada para a arte do teatro. Os importadôres de filmes só os fornecem aos proprietários das casas de espectáculos, em terras de província, com a condição expressa de lhes reservarem os sábados e os domingos; de modo que as pobres companhias em peregrinação não podem dar os seus espectáculos nesses dias, o que torna inviável toda a tentativa de *tournées*.

Em proveito de quantas pessoas reverte esta ruína das classes teatraes e a sangria económica que a nação vai sofrendo com a importação de fitas estrangeiras? Em proveito de três ou quatro indivíduos, que tantos consituem as firmas importadôras. A maior parte da população do país, a população rural que não tem cinêma nem o desfruta nem precisa dêle para viver a sua vida honesta, é injustamente obrigada a pagar o seu tributo, sofrendo as consequências da desvalorisação da moeda, do ágio do ouro e da rarefação de cambiais, proveniente dêste desvaído esbanjamento.

Eis o lastimavel e insensato estado de coisas, para o qual vimos clamar a intervenção do Estado.

A grande e rica nação inglesa que pode permitir-se a saída do ouro, não consentiu contudo que a indústria americana lho fôsse sugar impunemente; por meio de leis prudentes e sábias obrigou o capital americano a ir a Inglaterra produzir os filmes que ali pretendia introduzir, deixando assim mais ouro do que absorve.

E' isto que vimos solicitar, — a *nacionalização* da indústria do Cinêma, a utilização dos autores e dos artis-

tas portugêses, para a produção de uma parte das fitas que se exibem em Portugal.

Os importadôres de filmes, e os empregados de cinema, adormecidos na lei do menor esforço, — ressalvadas as raras excepções, limitam-se cómodamente a explorar o público e a nação, inconscientes do crime de lesa-pátria que resulta da sua indiferença, da sua inacção, do seu egoísmo, em face do úrgico problêma.

Se uns e outros se englobassem para instituir em Portugal duas ou três Companhias produtoras de filmes, seriam êles os primeiros a lucrar; o capital estrangeiro acudiria; o público teria assuntos portuguezes; o nosso país veria expandir a sua propaganda; e as classes teatraes, angustiadas pela crise de trabalho, encontrariam a sua natural occupação — Eis o que singelamente reclamamos dos poderes públicos; que os exploradôres do cinema em Portugal sejam compelidos gradualmente a *nacionalisar* essa indústria, tornando a portugêsa, não no todo, o que seria absurdo, mas numa percentagem progressiva. Que um factor de ruína se transforme em benefício colectivo, para o país e para a arte nacional, são os desejos que vem perante V. Ex.^{as} formular os impetrantes, desejando respeitosamente a V. Ex.^{as}

Saude e Fraternidade.

Lisboa, 1928.

Pelo Grémio dos Artistas Dramáticos
Pel' O Presidente da Direcção
O Secretário Geral

(a) *Henrique Sant'Ana.*

Pela Sociedade de Escritôres e Compositôres
Teatraes Portuguezes
O Presidente da Direcção,

(a) *Felix Bermudes.*